



O que o Carnaval diz sobre o custo dos serviços no Brasil

Olívia Resende (*)

A cada início de ano, o Carnaval mobiliza milhões de brasileiros e confirma sua relevância não apenas cultural, mas econômica

Em 2026, a festa promete não apenas arrastar multidões pelas ruas e destinos turísticos, mas também evidenciar um fenômeno econômico cada vez mais relevante no país: a força da inflação no setor de serviços. As projeções indicam que o feriado deve movimentar valores recordes.

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) estima circulação de R\$ 14,48 bilhões, com crescimento real de 3,8% em relação a 2025, enquanto a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) projeta faturamento de R\$ 18,6 bilhões em fevereiro, avanço de 10% frente ao ano anterior.

Esse movimento não é recente. Dados da Rico mostram que a chamada "cesta carnavalesca", conjunto de bens e serviços diretamente associados à folia — acumulou alta de 79,07% na última década, superando com folga a inflação oficial do país, medida pelo IPCA, que avançou 64,77% no mesmo período. O diferencial revela como atividades ligadas ao lazer coletivo e ao turismo apresentam dinâmica própria de formação de preços, frequentemente mais pressionada que a média da economia.

Os setores que mais pressionam o custo da folia são transporte, alimentação fora de casa, hospedagem e entretenimento. Levantamentos baseados no IPCA indicam que, em 2025, o transporte por aplicativo registrou alta de 15,16%, enquanto hospedagens subiram 10,05%. Já a alimentação fora do domicílio, que inclui bares e restaurantes, também apresentou reajustes superiores à inflação média.

Segundo dados da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), itens simples e recorrentes, como café e lanches, chegaram a registrar aumentos de 15,5% e 11,4%, respectivamente. Esses aumentos refletem

custos estruturais do setor de serviços, que incluem aluguel comercial, despesas trabalhistas, energia e logística, além da própria natureza intensiva em mão de obra.

O transporte e o turismo também evidenciam o impacto da demanda concentrada. Hospedagens, clubes, pacotes turísticos e casas noturnas apresentaram variações superiores à inflação geral, resultado da limitação da oferta diante do forte aumento da procura em um curto intervalo de tempo.

Em contextos como o Carnaval, a capacidade instalada dos serviços urbanos aproxima-se do limite, ampliando o poder de precificação dos prestadores. Este é um comportamento típico de mercados nos quais o consumo coletivo e simultâneo reduz a possibilidade de substituição e amplia a disposição de pagamento dos consumidores.

Esse fenômeno ajuda a explicar por que a inflação de serviços tende a ser mais persistente. Diferentemente dos bens industriais, cuja produção pode ser expandida com maior rapidez e ganhos de escala, os serviços dependem de fatores menos flexíveis, como mão de obra qualificada, infraestrutura urbana e localização. Assim, mesmo em cenários de juros elevados ou desaceleração do varejo, o setor mantém pressões inflacionárias relevantes, especialmente em datas festivas e eventos de grande mobilização social.

Sob essa perspectiva, o Carnaval evidencia como padrões culturais, turismo e consumo coletivo moldam a dinâmica de preços e influenciam o comportamento das famílias. Além disso, sinaliza desafios para a formulação de políticas públicas voltadas ao controle inflacionário, já que a contenção da inflação de serviços exige estratégias distintas daquelas tradicionalmente aplicadas ao setor de bens.

Diante desse cenário, o planejamento financeiro individual e a ampliação da concorrência no setor surgem como possíveis caminhos para mitigar os impactos sobre o orçamento dos consumidores.

(*) Especialista em Educação Financeira, Economista, mestre e doutora em Administração, além de professora do Centro Universitário Internacional Uninter.

Vibe-hacking exige resiliência estratégica das empresas

As organizações precisam planejar não apenas como evitar um ataque, mas também como se recuperar de forma rápida e segura.

Paulo de Godoy (*)

De acordo com o Centro de Prevenção, Tratamento e Resposta a Incidentes Cibernéticos de Governo (CTIR Gov), órgão vinculado ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, mais de 14 mil notificações de incidentes e vulnerabilidades cibernéticas foram registradas ao governo federal no ano passado. Este volume evidencia a pressão constante sobre infraestruturas críticas e sistemas governamentais.

O cenário é alarmante, e a perspectiva preocupante é que o avanço da IA permitirá a automatização total dos ataques cibernéticos, sem necessidade de envolvimento humano, em uma velocidade e escala sem precedentes.

"Vibe-hacking" e seus perigos

Em meados de 2025, a Anthropic, a empresa por trás da família Claude de grandes modelos de linguagem (LLMs), relatou que a IA agente agora está incorporada na criminalidade cibernética e "armada" para realizar ataques. Apelidado de "vibe-hacking", o fenômeno envolve o uso de LLMs e outras ferramentas de IA para automatizar e ampliar a escala dos ataques cibernéticos. Phishing automatizado, malware adaptativo e ransomware gerado por IA estão se tornando cada vez mais frequentes.

Os alertas da Anthropic foram reforçados pelo Centro Nacional de Segurança Cibernética do Reino Unido, que afirma que a IA tornará a intrusão cibernética mais eficaz e aumentará a frequência e a intensidade das ameaças. O órgão também prevê uma divisão digital



Paulo de Godoy

entre as organizações capazes de acompanhar ataques impulsionados por IA e aquelas que se tornarão mais vulneráveis.

À medida que a IA acelera a sofisticação, a escala e a automação dos ataques, ferramentas tradicionais de cibersegurança focadas apenas em prevenção e detecção deixam de ser suficientes. As organizações precisam planejar não apenas como evitar um ataque, mas também como se recuperar de forma rápida e segura. Nesse contexto, sobreviver ao ataque torna-se tão crítico quanto tentar evitá-lo.

Resiliência cibernética se tonou estratégica

A resiliência cibernética combina prevenção e detecção tradicionais com capacidade real de recuperação rápida e eficaz. É uma abordagem que integra segurança no armazenamento de dados, monitoramento conectado de ameaças e mecanismos coordenados de resposta e recuperação.

Isso começa com uma base sólida no ambiente de dados. A remediação rá-

pida de vulnerabilidades, a autenticação multifator e snapshots de dados imutáveis e protegidos garantem um ponto confiável de restauração. Ao mesmo tempo, a integração entre armazenamento e plataformas como XDR, SIEM e SOAR permite identificar anomalias com mais precisão e acionar respostas automatizadas, inclusive a proteção de snapshots quando necessário.

Se um ataque comprometer o ambiente principal, a organização precisa contar com uma estrutura isolada para preservar dados íntegros, conduzir análises forenses e restaurar os serviços críticos. Nesse contexto, o tempo de recuperação passa a ser determinante para limitar impactos financeiros, operacionais e reputacionais.

A continuidade do negócio está em jogo

A aceleração das ameaças cibernéticas reduz rapidamente o tempo disponível para resposta. As empresas precisam ser capazes de se recuperar em horas, e não em dias ou semanas. Como incidentes recentes demonstram, estratégias insuficientes resultam em perdas financeiras relevantes, danos à reputação e paralisações operacionais. O que está em jogo não é apenas a proteção de sistemas, mas a continuidade do negócio.

Desenvolver resiliência cibernética começa pela adoção de uma abordagem integrada, que combine uma base de dados segura, monitoramento conectado de ameaças e mecanismos estruturados de resposta e recuperação.

(*) Country manager da Pure Storage.

O que realmente muda com a pausa na emissão de vistos dos EUA?

Ingrid Domingues-McConville (*)



o processo formal podem comprometer seriamente um pedido. Muitas negativas ocorrem sem explicações detalhadas justamente porque esses fatores fazem parte de uma análise ampla de admissibilidade.

Vale reforçar um ponto básico, mas frequentemente negligenciado: vistos de turismo e de estudante não autorizam trabalho. O des cumprimento dessas regras pode não apenas resultar na negativa do pedido atual, mas também impactar permanentemente futuras tentativas de entrada ou imigração para os Estados Unidos.

A pausa atual, portanto, não representa uma ruptura na política imigratória americana, mas sinaliza uma atuação mais cirúrgica, criteriosa e restritiva. O sistema segue funcionando, porém com maior rigor na avaliação de riscos e elegibilidade.

Em um ambiente de informação acelerada, o maior perigo não está na medida em si, mas na interpretação precipitada dela. Mais do que pânico, o momento exige leitura cuidadosa, estratégia e responsabilidade, elementos que continuam sendo decisivos em qualquer processo imigratório.

(*) Dra. Ingrid Domingues-McConville, advogada de imigração nos EUA, com mais de 31 anos de experiência e que acompanha de perto as mudanças nas políticas migratórias e seus efeitos sobre estrangeiros.